

Mediações da informação e da comunicação: Porto Alegre nas narrativas do jornal *Zero Hora*

Valdir José Morigi

Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP) - SP - Brasil.
Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - Porto Alegre, RS – Brasil.
<http://lattes.cnpq.br/6542370154854198>
E-mail: valdir.morigi@ufrgs.br

Ana Paula Sehn

Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - Porto Alegre, RS – Brasil.
Graduanda em Museologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.
<http://lattes.cnpq.br/0654542649318351>
E-mail: anapsehn@gmail.com

Luis Fernando Herbert Massoni

Mestrando em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - Porto Alegre, RS - Brasil.
Graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, (UFRGS), Brasil.
<http://lattes.cnpq.br/1991208472616105>
E-mail: luisfernandomassoni@gmail.com

Recebido em: 15/08/2014. Aprovado em: 22/04/2015. Publicado em: 19/02/2016.

RESUMO

Apresenta relato da pesquisa *Porto Alegre Imaginada: as representações dos cidadãos sobre a cidade*. Compreende como ocorrem as mediações das informações sobre a cidade divulgadas no jornal *Zero Hora* de Porto Alegre. Engloba as publicações impressas no ano de 2010 e a publicação no ambiente virtual do jornal. Estuda as mediações exercidas pelos meios (impresso e digital) na divulgação das narrativas escritas e visuais dos cidadãos, no papel de narradores. Utiliza abordagem qualitativa para analisar os conteúdos das informações que circulam sobre a cidade, veiculadas pelo jornal. Analisa as reportagens de *Zero Hora* publicadas em março de 2010, denominadas *Mostre o Seu Bairro*. Conclui que as informações divulgadas no meio impresso auxiliam no processo de construção e mediação das representações sobre a cidade, bem como na construção dos imaginários urbanos, pois fortalecem determinadas concepções sobre a cidade e o seu patrimônio cultural e urbano.

Palavras-Chave: Imaginário. Cidadãos. Imaginários urbanos. Porto Alegre. Patrimônio cultural.

Mediations information and communication: Porto Alegre in the narratives of newspaper Zero Hora

ABSTRACT

Reports on the research “*Imagined Porto Alegre: citizens’ accounts over the city*”. Determines how occurs the mediation of information about the city, published on the newspaper *Zero Hora*, from Porto Alegre. Timeframe includes publications from 2010, and online news editions. Studies mediations made by the media (printed and virtual) in the broadcast of citizens’ opinion in the role of narrators, be it imagery or narrative. Qualitative research methodology was applied on the analysis of the content of published information over the city, published by the newspaper. Analyses the reports from *Zero Hora* published in March 2010, called ‘*Show your neighborhood*’. Concludes that the information published by printed media helps build and mediate representations of urban imaginaries, as it strengthens the city’s urban and cultural heritage.

Keywords: Imaginary. Citizens. Urban Imaginary. Porto Alegre. Cultural Heritage.

Mediaciones de la información y de la comunicación: Porto Alegre en las narrativas del periódico Zero Hora

RESUMEN

Presenta relato de la investigación “Porto Alegre Imaginada: las representaciones de los ciudadanos sobre la ciudad”. Objetiva comprender como ocurren las mediaciones de las informaciones sobre la ciudad publicadas en el periódico Zero Hora de Porto Alegre. Engloba las publicaciones impresas en el año de 2010 y la publicación en el ambiente virtual del periódico. Estudia las mediaciones ejercidas por los medios (impreso y digital) en la divulgación de las narrativas escritas y visuales de los ciudadanos, en el papel de narradores. Utiliza el enfoque cualitativo para analizar los contenidos de las informaciones que circulan sobre la ciudad, vehiculadas por el periódico. Analiza los reportajes de Zero Hora publicadas en Marzo de 2010, denominadas Muestra Su Barrio. Concluye que las informaciones divulgadas en el medio impreso ayudan en el proceso de construcción y mediación de las representaciones sobre la ciudad, bien como en la construcción de los imaginarios urbanos, pues fortalecen determinadas concepciones sobre la ciudad y su patrimonio cultural y urbano.

Palabras clave: Imaginario. Ciudadanos. Imaginarios urbanos. Porto Alegre. Patrimonio cultural.

INTRODUÇÃO

A pesquisa *Porto Alegre Imaginada: as representações dos cidadãos sobre a cidade* mostra como se configura o imaginário sobre Porto Alegre, RS, Brasil, a partir do cruzamento das representações dos cidadãos com as que circulam nos meios de comunicação e com os dados oficiais, com a finalidade de identificar as diferentes dimensões na construção dos imaginários urbanos sobre a cidade. Identifica os principais emblemas, símbolos e sinais que representam a cidade no imaginário dos porto-alegrenses. Verifica como a mídia constrói e veicula as representações sobre a cidade.

A nosso ver, a análise das temáticas vinculadas ao tema da cidade e suas representações nos meios de comunicação contribui para o entendimento das representações que circulam nos discursos oficiais, ficcionais e informativos (impresos, audiovisual e eletrônico). Assim, a partir das diferentes linguagens utilizadas pelos meios de comunicação, é possível perceber como se constroem os mapas imaginários da cidade e como eles se constituem em saberes compartilhados entre seus cidadãos, ao mesmo tempo em que fornecem insumos para a construção da identidade cultural e do acervo da memória social. A cidade é construída a partir dos diversos “lugares e olhares”, das experiências e das mediações que definem os diferentes imaginários dos cidadãos sobre a cidade, ao mesmo tempo em que configura os próprios cidadãos na sua vivência e visão sobre ela em um processo de criação e recriação simbólica incessante.

O foco deste artigo é mostrar como ocorrem as mediações através das informações sobre a cidade divulgadas no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, tomando como recorte temporal as publicações impressas do ano de 2010. Para finalidades práticas da construção do artigo, restringimos a análise às informações sobre os lugares da cidade citados em *Mostre o Seu Bairro*, pelos cidadãos, a partir das imagens visuais veiculadas nas reportagens impressas e digitais.

Os procedimentos metodológicos adotados para a análise dos conteúdos informativos das cartas dos cidadãos sobre seis bairros da cidade – Menino Deus, Bom Fim, Lindóia, Centro, Moinhos de Vento e Ipanema. A partir da análise das narrativas foi possível verificar as representações que circulam sobre a cidade e como o jornal exerce a mediação na construção dos sentidos ao divulgar informações escritas e visuais apontadas pelos cidadãos sobre os lugares da cidade. Essas informações são tomadas como referências que caracterizam a cidade e seus lugares, auxiliando na construção dos imaginários urbanos.

SENTIDOS EM CONSTRUÇÃO: MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO

Existem relações profundas entre os acontecimentos sociais e a mediação da informação e da comunicação. Na perspectiva de Marcondes Filho (1997, p. 266), “[...] toda a relação do homem com seu mundo se dá por mediação,

ocorra ela no plano abstrato-intelectivo ou material concreto dos instrumentos criados [...], veículo, através do qual o homem se vincula ao mundo, apropriando-o ou manipulando-o.”

Conforme D'Ávila (2001), o processo de mediação ocorre a partir da produção dos sentidos que se efetivam a partir das interações sociais que se estabelecem no interior de um contexto sociocultural. Ele é o cenário responsável pelo desencadeamento das tramas de sentidos que se estabelecem entre a cultura, a informação e a comunicação. Para o autor (2001, p. 45), “[...] mediar não significa tão somente efetuar uma passagem, mas intervir no outro polo, transformando o sentido da intervenção sob inúmeras formas, desde as modalidades mais amplas – como a mediação sociopolítica.”

No entanto, tomar a esfera midiática como a única forma de exercer a mediação para as múltiplas ações sociais é um equívoco, pois trata-se de um processo complexo, dependente de diversas articulações dos meios de comunicação e dos conteúdos informacionais com as diversificadas modalidades de mediação da vida social. Contudo, como aponta Silverstone (2005, p. 12), “é impossível escapar da presença, da representação da mídia, pois passamos a depender dela tanto impressa quanto eletronicamente, para fins de entretenimento e informação, conforto e segurança, e para ver algum sentido na continuidade e experiências”. Pois, segundo Sodré (2007, p. 21), o que constitui o *bios* midiático “é a configuração comunicativa da virtualização generalizada da existência, [...] capaz de afetar as percepções e as representações correntes da vida social, inclusive de neutralizar as tensões do vínculo comunitário”. Martín-Barbeiro (2005) confere às técnicas comunicacionais a capacidade de produzir sentidos sociais e um papel mais ativo e não somente representacional de campos sociais. Na concepção do autor, precisamos romper com a visão passiva, instrumental-operatória das técnicas comunicacionais. Os sentidos apropriados a partir dos usos da comunicação tecnológica instituem novas formas de percepção da realidade, as

quais possibilitam a reconfiguração das relações entre os sujeitos e destes com os saberes locais e as identidades culturais. Nessa perspectiva, a mediação social precisa ser compreendida articuladamente com outras mediações históricas que se completam com a pluralidade de ressignificações e apropriações que os sujeitos realizam, através das disputas de sentidos proferidas pelos discursos sociais. As práticas informacionais e comunicacionais são partes do processo cultural mais abrangente das significações.

Logo, as práticas informacionais e comunicacionais constroem os sentidos sobre a cidade. O jornal impresso constitui uma mídia que produz sentidos sociais sobre os acontecimentos e a realidade social. De acordo com Silverstone (2005), o jornal e a mídia de forma geral são instrumentos de articulação da memória, pois os leitores, ao olharem as fotos de um jornal ou lerem uma notícia, podem recordar-se de outros fatos, pois a textura da memória se entrelaça com a textura da experiência. As mídias invadiram nossa vida cotidiana, permitindo assim que a memória seja também um produto de mídia e não apenas a sua precondição.

Ao narrar um fato, acontecimento ou relatos dos cidadãos, a mídia torna visíveis as representações sociais sobre a cidade e os lugares, pois “o jornal impresso ao publicizar os conteúdos informativos das narrativas faz circular imagens sobre Porto Alegre e os seus habitantes, permeado por símbolos que têm como referência o imaginário instituído sobre a cidade” (MORIGI, 2009). Assim, além de mostrar as relações dos cidadãos com os lugares, afeta na percepção dos leitores sobre esses lugares. A construção do imaginário das cidades através das mediações e das representações sobre a cidade e seu patrimônio, que circulam nos jornais impressos, forma a opinião pública e a memória coletiva.

No campo da ciência da informação, a ideia de mediação da informação, muitas vezes, é utilizada pelos profissionais da área como uma ponte, pois permite e relação entre dois pontos que se encontram

impedidos de interagir por algum motivo (ALMEIDA JÚNIOR, 2009). Entretanto, essa concepção é inadequada, tendo em vista que “apresenta a ideia de algo estático, que leva alguma coisa de um ponto a outro ponto, sendo estes predeterminados e fixos, e sem interferir no trajeto, no modo de caminhar e no final do percurso” (p. 92). Desse modo, conforme a perspectiva de Almeida Júnior (2009), no processo de mediação não há neutralidade, pois o mediador não é uma simples “ponte”, ele também é um agente ativo. Como produtor de informação, ele tem o controle sobre o que irá transmitir e o receptor poderá ter múltiplas percepções a partir daquela informação. O mediador interfere nesse processo, pois ele pode editar a informação apresentada. “A mediação da informação é um processo histórico-social. O momento em que se concretiza não é um recorte de tempo estático e dissociado de seu entorno. Ao contrário: resulta da relação dos sujeitos com o mundo.” (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 93).

Conforme Marteleto (2010, p. 39): “O ato da comunicação supõe uma técnica e mobiliza certas intencionalidades.” A partir da abordagem de Davallon (2004), a autora mostra como as práticas de informação e comunicação constituem “um espaço ou um ‘terceiro simbolizante’, onde as mediações designam tanto as operações de tecnicização (mediação técnica) quanto e ao mesmo tempo de intervenção da dimensão subjetiva das trocas e interações (mediação social)” (MARTELETO, 2010, p. 39).

A mediação da informação pode ocorrer através dos vários canais de comunicação. A esse respeito, lembra Gomes (2010) que a mediação se relaciona com a comunicação, caracterizando-se pela sua intersubjetividade, resultado de negociações e disputas de sentido. É através dela que ocorrem a produção, a circulação e a apropriação da informação, pressupondo-se a existência de instrumentos, técnicas, suportes, agentes e processos. Assim, percebemos a presença de fatores que articulam as mediações, como é o caso do bibliotecário, um agente responsável pela mediação da informação. Entretanto, não apenas uma pessoa pode ser mediadora, como também um local ou ferramenta que comunique, pois “o saber apenas se

desenvolve a partir de um processo de comunicação, [...] mas também é dependente dos **espaços e canais de transferência de informação**, assim como dos agentes que neles e com eles atuam e que acabam por mediar a ação comunicativa.” (GOMES, 2008, p. 2, grifo nosso).

Marteleto (2010, p. 39), apoiada em Vecchi (2005), lembra a complementaridade existente entre os processos de informação e comunicação, destacando que a informação é “um conteúdo novo por um emissor, os dados informacionais considerados por um receptor, uma vez reconhecidos e compreendidos, provocam, em retorno, a emissão de novos dados nas mesmas condições e mediações mobilizadas no processo de compreensão.” Constituem assim as “zonas de intercâmbio”, potencializadas pelo processo de comunicação e as partes interessadas e os efeitos de sentidos que a comunicação produz.

Contemporaneamente, os meios virtuais demonstram grande potencial na mediação da informação sobre o ambiente urbano. Como constatamos em Farias e Freire (2011), através de estudo realizado em uma comunidade carente da Paraíba, canais virtuais de comunicação podem perpetuar o registro da memória social dos grupos. Na pesquisa realizada pelas autoras, os moradores da localidade começaram a contar suas histórias através de um *blog*, o que ampliava sua possibilidade de ação no mundo, funcionando como um “megafone dos moradores”, “voz da comunidade”.

Nesse contexto, nossa pesquisa se fundamentou em uma perspectiva interdisciplinar, a partir de abordagens da Antropologia, da Sociologia, da Psicanálise, da Teoria da Comunicação, da Estética e da História, conforme modelo desenvolvido pelo pesquisador colombiano Armando Silva¹. De acordo com a metodologia proposta pelo

¹ Pesquisa em rede “Imaginários Urbanos: hacia el desarrollo de un urbanismo desde los ciudadanos” (2004), realizada por 13 equipes em cidades associadas da América Latina e Espanha: Assunção, Barcelona, Bogotá, Buenos Aires, Caracas, La Paz, Lima, México, Montevideu, Panamá, Quito, Santiago do Chile e São Paulo sob os auspícios da Fundação Convenio Andrés Bello para el desarrollo de la ciencia, la cultura y la tecnologia en América Latina e da Universidad Nacional de Colômbia. Porto Alegre se inseriu na pesquisa em 2007.

autor, as representações dos cidadãos sobre a cidade podem ser capturadas através de uma enquete, cujos resultados precisam ser confrontados com os dados estatísticos provenientes de fontes oficiais, além de compará-los com a análise das representações construídas e veiculadas pelos meios de comunicação.

Na presente pesquisa, os procedimentos metodológicos adotados para a análise dos conteúdos informativos das cartas dos cidadãos sobre seis bairros da cidade – Menino Deus, Bom Fim, Lindóia, Centro, Moinhos de Vento e Ipanema. Para fins da análise, foram adotados como elementos constituintes do conjunto de narrativas: (a) os personagens (dados de identificação – nome, idade, sexo, profissão, escolaridade e bairro); (b) o enredo (se refere ao tema das narrativas); (c) o cenário (onde transcorre a ação, os fatos, identificação dos locais da cidade lembrados pelos narradores e os atributos aferidos a esses lugares, qual sua relação com o espaço); (d) a linguagem (as formas como se dirige a cidade, as expressões, os verbos, os adjetivos e os pronomes utilizados para descrever a cidade).

A seguir apresentamos a análise do material pesquisado no jornal *Zero Hora*, mostrando as representações que circulam no meio sobre a cidade e o seu patrimônio a partir das narrativas e das informações vinculadas sobre os bairros, os monumentos e os personagens.

OS BAIRROS E A CIDADE NAS NARRATIVAS PUBLICADAS EM ZERO HORA

Com o objetivo de homenagear os 238 anos de Porto Alegre, o jornal *Zero Hora* publicou, de domingo a sexta-feira (21 a 26/03/2010), seis narrativas de moradores da cidade que constituíram a série *Mostre o Seu Bairro*. Conforme o jornal: “Para celebrar o 238º aniversário de Porto Alegre, dia 26 de março, *Zero Hora* convidou seis ilustres moradores para escrever sobre os bairros onde

moram, passaram a infância ou simplesmente o lugar pelo qual se apaixonaram”. Os convidados atuaram como “repórteres, revelando os recantos que mais marcaram suas vidas”.

Além da publicação impressa das narrativas dos sujeitos sobre os bairros, o jornal também veiculou, em seu *site*, *slides* com áudio, narrados pelos moradores. Os materiais incluem vídeos que possuem, em média, um minuto e 10 segundos e neles aparecem os depoimentos, nos quais, é possível ouvir a voz dos narradores que relatam, através das suas lembranças, seu vínculo afetivo com os lugares e as histórias dos bairros. Eles complementam as informações escritas sobre os bairros, ampliando a compreensão dos leitores. Vamos às narrativas e a alguns de seus fragmentos.

A primeira narrativa, intitulada “A flauta mágica dos afiadores de faca”, sobre o bairro Menino Deus, é de um morador do local, cineasta, 37 anos, que conta episódios da infância, da adolescência e da vida adulta, demonstrando apego e carinho pelo lugar que foi cenário de diversas brincadeiras, amizades e confraternizações. Através de sua memória, narra suas lembranças sobre os estabelecimentos, as ruas e os lugares que caracterizam a história do bairro. Alguns deles tornaram-se símbolos e outros foram substituídos pelo processo de urbanização. As lembranças passadas geram no presente um sentimento de nostalgia no morador. Os lugares que ainda permanecem são visualizados através da foto colocada no jornal. Assim, aparece o narrador com sua filha, brincando em um balanço em uma praça que frequentava em sua infância. Nesse local, ainda hoje, existem os mesmos brinquedos. Mesmo com a urbanização, o Menino Deus é considerado pelo narrador um bairro que preserva o ar interiorano e que é bom para estar com a família. Diz, ainda, que, “mesmo distante, ainda podemos escutar o sobe e desce da flauta mágica dos afiadores de faca...”

As marcas representacionais sobre o lugar são identificadas principalmente no que o narrador afirma: “O Menino Deus é isso, um bairro nostálgico,

alegre, iluminado, que, mesmo estando nas cercanias do centro, conserva o ar bucólico do interior, onde os moradores se conhecem, cumprimentam, e sempre que podem param para uma conversa amigável.” Quanto a preferências, ele atribuiu o hino do time de futebol Internacional, como a música do Menino Deus. Além disso, admira o pôr do sol no Parque Marinha do Brasil, como um lugar imperdível em uma visita de quinze minutos. A Avenida *Ganzo* é tida como uma rua para se caminhar, sendo considerada pelos moradores a “mais bela” pela sua arborização ornamentada com canteiros de flores no centro.

Através do *slide* com áudio, o narrador evidencia seu forte vínculo afetivo com o lugar, ao lembrar que foi o lugar onde nasceu, sendo que possui dificuldades para se adaptar a outros bairros. O morador cita alguns espaços do bairro, como a Praça Estado de Israel (ou Praça Israel, como ele chama), onde há brinquedos nos quais ele brincava quando era criança e hoje brinca com seus filhos. Também é citada a Ponte da Avenida Getúlio Vargas sobre o Arroio Dilúvio, no cruzamento com a Avenida Ipiranga, sendo lembrada pelo seu comércio, embora também seja, conforme o narrador, um bom lugar para caminhar.

Outro espaço destacado é o Cinema Marrocos, citado pelo morador como uma das prováveis inspirações de sua carreira, o que o tornou diretor e professor de cinema. Esse, assim como outros cinemas de calçada de antigamente, deu lugar a um estacionamento. As palavras que marcam o lugar, na opinião do narrador, são *alegria* e *luz*. Como se pode perceber, a dinâmica de transformação do bairro opera de diferentes maneiras, tendo em vista que enquanto alguns lugares são preservados ao longo do tempo (a Praça Israel e seus brinquedos), outros dão lugar a novos espaços (o Cinema Marrocos).

A segunda narrativa é sobre o bairro Bom Fim, intitulada “Um bom porto, um bom fim.” O narrador, de 51 anos, é escritor e professor. Mudou-se do interior para a capital e transmite através da narrativa um sentimento

de pertencimento em relação ao lugar e a sua vida, destacando os locais públicos, tantos os de passagem, quanto de trabalho e serviços. Os lugares do bairro não se constituem apenas na sua materialidade, mas são espaços de sociabilidade que auxiliam na construção dos sentidos sobre eles e as suas associações significativas, de onde provêm as lembranças, desejos, ilusões, saudades, comparações, como expresso na narrativa: “Nunca esqueci as ladeiras do Bom Fim, as velhas árvores, o ar de bairro europeu.” “No que me cabe, o Bom Fim é uma terra amigável onde claudicar os passos, um lugar tranquilo onde descansar os ossos.”

A satisfação do narrador em caminhar pelas ruas do Bom Fim é documentada através da foto reproduzida no jornal. Nela o narrador aparece à frente de um muro com desenho de um rosto de mulher, dando a impressão de olhar para o bairro, contemplando-o. O narrador identifica o lugar com a música *Mr. Tambourine Man*, do Bob Dylan. Um lugar imperdível em uma visita de 15 minutos é a livraria Palavraria, para tomar um café e comprar um livro. Além disso, sugere o percurso que vai da rua *Felipe Camarão* até a *Vasco da Gama*, como uma rua para caminhar.

Ao citar os limites do Bom Fim, o narrador o descreve como uma espécie de “bairro miniatura”, um “[...] pequeno quadrilátero com poucas coisas, mas boas coisas”, um local que, pelo seu charme, configura-se como uma representação imagética, um lugar que está muito mais na cabeça das pessoas do que no mundo real. Esse caráter evidencia um distanciamento entre o bairro, por si só, e a concepção que seus moradores fazem dele. Alguns espaços específicos são citados pelo narrador, como a padaria que, pelo seu cheiro e sabor, fazem-no lembrar de Paris, bem como a frutaria onde ele gosta de comprar.

Destaca-se a citação que o morador faz acerca das casas abandonadas do bairro, as quais têm a beleza destacada pelos grafites feitos em suas paredes. Nesse sentido, ressalta-se que o local é lembrado também como uma mescla de passado

e presente, ao articular manifestações artísticas contemporâneas às casas antigas. Conforme o narrador, sua vida afetiva e social se passa no bairro, e ele encerra a narrativa com a seguinte frase: “Enfim, o Bom Fim, além de um estado de espírito, é um bom lugar de se viver.”

A terceira narrativa, sob o título “Memória Rural em tempos modernos”, trata do bairro Lindóia e é de uma pilota e empresária, com 43 anos, que reside no local desde criança. A relação da narradora com o espaço é marcada pela comparação do lugar que conheceu quando criança e as suas mudanças depois de adulta. Nas suas lembranças, o tempo imaginário da infância, o lugar era totalmente rural, com fazendas, cavalos, contato com a natureza e brincadeiras ao ar livre.

Hoje, a narradora reside em um apartamento em frente à sua antiga casa, na mesma rua, e nota as mudanças ocorridas com a urbanização, o comércio e aumento da violência no bairro. Por isso, a linguagem se exprime em “[...] lembranças do Lindóia tão presentes e tão distantes [...]” e “[...] sempre tive o Lindóia como o endereço do meu lar.” Ressaltando adjetivo e pertencimento, afirma: “Tenho um carinho enorme pelo Lindóia e aqui, realmente, me sinto em casa.” Na fotografia da reportagem a narradora aparece na sacada do edifício do seu apartamento, vislumbrando a rua e a antiga residência. Como música do Lindóia, a narradora atribuiu *Casa*, de Lulu Santos, já que a moradora viaja muito e está sempre voltando para casa. Em uma visita de 15 minutos, prefere as muitas praças do bairro e a avenida Panamericana para caminhar.

Conforme a narradora, o bairro inicialmente era totalmente residencial, e um dos locais destacados por ela é o Lindóia Tênis Clube, do qual era sócia. Além da Avenida Panamericana, considerada um ponto de referência do bairro, também cita os muitos salões de beleza que há ali. Como é pilota, viaja muito, mas afirma que o Lindóia é o seu “QG”, de onde guarda lembranças muito boas.

A quarta narrativa é sobre o centro, “Um olhar para o mapa da cidade”, de um artista plástico e morador, com 45 anos. A relação do narrador com os espaços e locais públicos e privados permite vislumbrar as transformações causadas através do tempo, tais como prédios consagrados, preservados, com suas histórias, como a Casa de Cultura Mário Quintana e outros indecifráveis, como

[...] o Edifício Herrmann, na esquina da Rua Uruguai com a Andradas, uma lembrança silenciosa de uma época de esplendor. Nesses transe de memória me pergunto: o que terá sido aquele prédio? Um hotel? Um escritório? Nada disso se responde, e o que permanece é apenas uma vaga lembrança de suas entradas que foram substituídas por paredes de alvenaria. Apesar aquele que por ventura levantar o olhar poderá contemplar a beleza de seus arabescos nas sacadas e na monumental fachada.

Quanto à linguagem, a principal marca representacional é identificada na narrativa: “As ruas do Centro falam por si só. São as falas do passado que continuam ecoando no presente.” A narrativa evoca a polifonia da cidade, o andar pelas ruas, a arquitetura dos prédios, remete histórias do passado que são mostradas no presente. A foto de apoio à narrativa é do artista plástico caminhando na Rua dos Andradas, com uma multidão ao redor. O morador atribui a *Rapsodia in blue*, do Gershwin, como a música do Centro, uma visita imperdível de 15 minutos no museu de miniaturas *Wonderland* e uma rua para caminhar começando pela Avenida João Goulart, a curva do Gasômetro e continuando na rua Edvaldo Pereira Paiva, na beira do Guaíba.

O centro é conhecido por ser o grande ponto de encontro, pois por ele passam diariamente inúmeras pessoas vindas das mais variadas regiões da cidade – e mesmo de fora dela. Devido a essa peculiaridade do bairro, o narrador alega que seus amigos estranham sua vizinhança, pois a acham muito “tumultuada”. Entretanto, para ele, as imediações de sua casa lembram muito algumas cidades do interior: na esquina, há uma venda, onde ele tem conta em caderninho.

Também há dentistas, sapateiros, tudo muito perto e calmo, diferente da agitação percebida na Rua dos Andradas (ou Rua da Praia, como ele chama), outra via famosa do bairro.

O narrador destaca os locais menos tradicionais do bairro, como a Marina Municipal do Gasômetro, que para ele é um lugar bucólico. Para ele, os prédios históricos são bastante agradáveis, dentre eles, cita sua própria casa, que restaurou buscando conservar os traços originais. Os prédios históricos, para ele, revelam muitas histórias e uma arquitetura diferenciada, que muitas vezes não é percebida, quando não observados com a atenção necessária.

A quinta narrativa intitula-se “Memórias do ator fascinado pelo Moinhos de Vento”. Um ator com 33 anos que define sua relação com o bairro como “ancestral”, pois o avô contava histórias a ele. Essa memória é relatada com o *Parcão*, pois sempre que o narrador passa pelo local lembra que pisa na mesma areia que o avô e seus amigos tiveram o trabalho de colocar, quando no local ainda existia o Hipódromo. Na linguagem, o ator cita o *Parcão* como um refúgio: “Quem entra nesse parque tem a sensação de que o mundo lá fora não existe mais, pois é um verdadeiro oásis em meio ao asfalto e concreto.”

Os adjetivos e expressões relacionados ao bairro se definem quando o ator fala: “O Moinhos de Vento tem uma elegância natural, suas ruas arborizadas, seus restaurantes. Os lindos casarões dão um ar europeu ao lugar.” Essa narrativa evoca prazer em circular pelo local, passear pelas ruas, admirar a natureza, a arquitetura dos casarões que remete a um mundo à parte. Para complementar o discurso, a foto de apoio mostra o narrador caminhando por uma rua do bairro, admirando a mesma e os casarões. A música atribuída ao *Moinhos de Vento é Três Minutos com La Realidad*, de Astor Piazzolla; uma visita imperdível na Praça Maurício Cardoso e uma rua para caminhar, a Marquês do Pombal.

O Moinhos de Vento é lembrado pela sua elegância, pela sua forma diferente de respirar. Conforme o narrador, ao mesmo tempo em que ele está dentro da cidade, o contato com a natureza é um de seus principais atrativos. É tido como um bairro sofisticado, que mescla o moderno com o antigo: ao mesmo tempo em que possui prédios altos, também apresenta os casarões que marcam sua história. O narrador afirma gostar muito dos cafés da rua Padre Chagas, bem como da rua Marquês do Pombal, da qual destaca o túnel de jacarandás. O ator finaliza com a seguinte afirmação: “Pra mim, o Moinhos de Vento é um oásis e esse é o barato do Moinhos de Vento: que ele tá vivo!”

A última narrativa é sobre Ipanema: “Foi um rio que passou em minha vida.” A autora, escritora e publicitária, de 46 anos, residente em outro bairro, relata que antes sua morada era em Ipanema. Narra a infância e adolescência vividas no local, os acontecimentos, pessoas, festas, a praia, lembranças como algo bom e, ao mesmo tempo, saudade por não residir mais no lugar. Associa o bairro com o “belo entardecer na beira do rio”, que foi “cenário dos primeiros namoros, das maiores amizades, das festas com direito a sol nascendo na praia.” Relata como a vivência no lugar influencia seu comportamento, posicionamento político, e resume o sentimento para com o local: “Ipanema ficou como uma lembrança e uma saudade, as duas boas de ter. Foi um rio que passou em minha vida e, se me desculpam o sentimentalismo, um pouco do coração se deixou ficar.” Atribui a Bossa Nova ao lugar; uma visita imperdível sendo a praia e uma rua para caminhar, a Avenida Guaíba.

Para a narradora, crescer em Ipanema é como crescer em uma cidade do interior, e é isso o que a diferencia do restante da cidade. Ela lembra da “Dysneylândia de Ipanema”, como era chamada uma casa do bairro que possui uma espécie de minimundo, e que é uma atração turística do local.

Ipanema foi o lugar onde a escritora viveu desde a pré-adolescência até ficar adulta, sendo cenário de importantes acontecimentos em sua vida, como quando passou no vestibular. É um lugar privilegiado pela sua proximidade com o Rio Guaíba. A narradora destaca a vista do entardecer na praia de Ipanema, considerado uma das marcas da cidade de Porto Alegre. Como ela cita, o bairro é um luxo, pois permite estar no interior sem sair da cidade, ao mesmo tempo em que tem a praia.

Podemos perceber através das narrativas que elas seguem um mesmo padrão. Isto é, elas possuem uma linearidade ao abordar pontos comuns sobre os diferentes bairros da cidade. Os narradores, denominados pelo jornal “ilustres moradores do bairro”, foram convidados para escrever sobre os locais onde moram, passaram a infância ou os lugares que tem mais afinidades. As narrativas abordam alguns pontos comuns: “um lugar imperdível em uma visita de 15 minutos”, “uma rua para se caminhar”, “música que identifica o bairro”. Além disso, elas são acompanhadas por uma fotografia do morador, participando do cenário paisagístico que compõe o local. Os fotógrafos são profissionais que trabalham na empresa que produz o jornal. O roteiro que pauta as narrativas é responsável pelo processo de mediação das informações que o jornal veicula sobre os bairros, que através da sua divulgação auxilia na construção dos imaginários sobre a cidade.

Como afirma Freire (2006), as tecnologias de informação e comunicação (TICs) têm um caráter que pode ser utilizado na mediação entre a cultura local e a cultura global. Nesse processo de mediação, o jornal utiliza vários recursos, pois além de em seu formato impresso, tradicionalmente conhecido, que circula pela cidade ao mesmo tempo em que a representa, Zero Hora também disponibilizou a reportagem em seu site, com áudio que apresenta os moradores narrando suas histórias.

CONCLUSÕES

Relatamos, através das narrativas divulgadas no jornal *Zero Hora* de Porto Alegre, como a mídia exerce as mediações das informações sobre a cidade, tomando como material empírico a série denominada *Mostre o Seu Bairro*. Os convidados pelo jornal descrevem o bairro onde moram e os seus principais lugares. Eles identificam as ruas do bairro e seus sentimentos e lembranças em relação a ele.

A mídia *Zero Hora* faz uso de uma série de estratégias para relatar histórias sobre a cidade, pois ao mesmo tempo em que divulga informações no formato impresso, também disponibiliza a reportagem, acrescida de elementos não textuais, em seu sítio na Internet.

Nesse repertório, os bairros são dinamizados através de imagens em movimento e das próprias vozes de seus moradores. Dessa forma, revelam-se características da cidade, percebidas por quem vive nela, frequenta seus espaços sociais e foi convidado a participar. Os elementos que auxiliam na mediação sobre esse agir incluem a veiculação da informação e o meio de comunicação que se constitui em “lugar” onde estão impressos os registros materiais e simbólicos que possibilitam evocar a memória individual e coletiva dos cidadãos sobre a cidade.

As narrativas dos cidadãos representam suas diversas percepções em relação à cidade, sendo cada bairro um lugar, um recanto repleto de afetos e significados, que contribuem para a construção do imaginário dos cidadãos sobre Porto Alegre, fortalecendo os laços identitários entre ambos.

AGRADECIMENTO

A Ana Paula Sehn e Luis Fernando H. Massoni, que participaram, como bolsistas de Iniciação Científica, da pesquisa “Porto Alegre Imaginada: as representações dos cidadãos sobre a cidade”.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JÚNIOR, O.F.de. Mediação da informação e múltiplas linguagens. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan./dez. 2009.
- DAVALLON, J. La médiation: la communication en procès. *Médiation et Information (MEI)*, Paris, n.19, p. 37-59, 2004.
- D'ÁVILA, C. *Decifra-me ou te devoro*: o que pode o professor frente ao manual escolar? 2001. 410 f. Tese (Doutorado em Educação).Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001. Disponível em: <http://www.obdalia.pro.br/tese_cristina.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2008.
- FARIAS, M. G. G.; FREIRE, I. M. Ação de mediação para inclusão social de comunidades. *Informação & Informação*, Londrina, v. 16, n. 3, p. 76-95, jul./ago. 2011.
- FREIRE, I. M. Acesso à informação e identidade cultural: entre o global e o local. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 35, n. 2, p. 58-67, maio/ago. 2006.
- GOMES, H. F. A mediação da informação, comunicação e educação na construção do conhecimento. *DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 1-14, fev. 2008.
- _____. Tendências de pesquisa sobre mediação, circulação e apropriação da informação no Brasil: estudo em periódicos e anais dos ENANCIB (2008-2009). *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 3, n. 1, p. 85-99, jan./dez. 2010.
- MARCONDES FILHO, C. *Superciber*: a civilização místico-tecnológica do século 21. São Paulo: USP, 1997.
- MARTELETO, R. M. Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 3, n. 1, 2010.
- MARTÍN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações*: comunicação, cultura e hegemonia. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- MORIGI, V. J. Informação, Cultura Local e Memória Social: as cartas dos leitores e a construção dos imaginários sobre Porto Alegre. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA DA ANCIB, 10., 2009, João Pessoa. *A Responsabilidade Social da Ciência da Informação*. João Pessoa: Ideia, 2009. v. 1.
- SILVERSTONE, R. *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Loyola, 2005.
- SODRÉ, M. Sobre a episteme comunicacional. *Matrizes*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 15-26, out. 2007.
- VECCHI, D. de. Information: un point de vue terminologique. In: COMMISSION FRANÇAISE POUR L'UNESCO. *La société de l'information*: glossaire critique. Paris: La Documentation Française, 2005. p. 90-91.
- ZERO HORA. *Mostre o seu bairro*. 2010. Disponível em: <www.clicrbs.com.br/zerohora/swf/aniversario_poa/index.html>. Acesso em: 13 jul. 2014.